



CONTO  
CARIOCA

## Turismo

Ulysses Maciel\*

Levava uma sacola. Tinha descido do metrô na estação Carioca e saído para a Rio Branco, depois virado à esquerda, na direção da Avenida Central. Precisava ir ao banco, na Primeiro de Março, mas antes... Parou logo na Camões.

- Alguma coisa em especial, senhor?

- Não, obrigado, estou só dando uma olhadinha.

Essa formalidade, essa forma de perguntar, forçando a pronúncia da palavra senhor, atenção ou educação exageradas, hábito novo de vendedores em geral, irritava-o.

Foi à prateleira e deparou-se com uma biografia de Renoir. Lindo, com “As banhistas” na capa e fartamente ilustrado com quadros a cores, esboços e estudos. Hesitou entre esse e uma revista literária com um texto inédito de Proust. Pensou no saldo do banco, reduzido, juros altos. Comprou os dois, pagou com cheque, colocou-os na sacola.

Saiu da livraria virando à esquerda, passou entre os quadros expostos, olhou de esguelha para os livros do camelô. Virou na Rio Branco à direita, caminhando junto do prédio da Caixa Econômica, e atravessou a Avenida no sinal com a Almirante Barroso.

Desceu a rampa espiral do Marquês de Herval e entrou na Da Vinci. Procurou poesia inglesa e achou um do Yeats que agradou muito. Conseguiria ler o texto em inglês? E o saldo no banco? Comprou, colocou na sacola, saiu da Da Vinci, subiu a rampa.

Novamente na Rio Branco, foi descendo a rua. Atravessou no sinal da Ouvidor e seguiu pela Miguel Couto. Pelo caminho havia uma ou outra que não agradaram. Ao Livro Técnico não, apesar das gramáticas inglesas e das estantes de informática. E mais camelôs. Qual a hipótese de comprar algum no camelô? Difícil, a não ser que fosse aquele *Vermelho e o Negro* ilustrado que vira uma vez num sebo e que custava caríssimo. Mesmo assim...

Andando, chegou à rua do Rosário. Boas opções por ali. Dobrou à esquerda, foi até a Kosmos. Terceiro andar, setor de livros raros. Vacilou, por causa do saldo, mas entrou.

- Só dar uma olhadinha...

Ele estava lá, em dois volumes, no início de cada capítulo uma aquarela a cores. O maldito *Vermelho e o Negro*. Devolveu para a prateleira, viu outros. Voltou, pegou de novo. Estava perfeito, encadernação esmerada. Loucura!

\* Doutorando em Literatura Comparada, Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Jornalista e Bacharel em Letras. E-mail: ulysses@br.inter.net.



Desatino! E o gerente do banco?

- Seu saldo...

Bem, dá-se um jeito.

- Quanto?

O vendedor olhou para a sacola e sorriu discretamente.

- Cento e quarenta e cinco reais, senhor.

la colocar mais uma vez na prateleira, mas a mão escorregou para o talão de cheques.

- Aceita pré-datado?

- Tem que ser metade agora, senhor.

Pensou de novo no gerente, que agora já estava irritado.

- Meu amigo, seu saldo...

Em casa não cabia mais nada. A única estante estava lotada, com alguns por cima e outros pelo chão.

Pagou e colocou na sacola.

Saiu da Kosmos, à direita. Viu logo as vitrines da Acadêmica. Pensou naquelas memórias de Casanova, *par lui même*, que, com sorte, ainda estariam lá. Desceu as escadas, subiu à sobreloja, entrou no salão amplo, ar condicionado perfeito, confortáveis poltronas. Foi direto aos livros franceses. Ainda estavam lá, mas por pouco tempo. Cada capítulo um nome... Pegou os três volumes, fez o cheque.

- Não precisa embrulhar. Eu ponho aqui na sacola...

Bem, agora, o banco.

Seguiu a rua do Rosário até a Primeiro de Março, atravessou em frente aos Correios, virou à esquerda. Passou pelo beco onde fica a porta da agência. Seguiu pela calçada até a entrada principal do prédio. Aqui tem uma biblioteca ótima.

Tomou um café, admirando a arquitetura, o grande salão redondo com a clarabóia no alto. Depois foi falar com o gerente que, quando o viu, ficou de pé, vermelho, bufando.

- Olha, meu amigo, seu saldo... Seu cheque-ouro... Desse jeito... Enfim, espero que o senhor tenha uma boa justificativa...

Foi esvaziando a sacola, empilhando os volumes sobre a mesa do pobre gerente. Primeiro os Casanova *par lui même*, depois o *Vermelho e o Negro*, o Yeats, a revista literária e a biografia de Renoir.

- Tá vendendo? - perguntou um funcionário.

Apoiou-se levemente na pilha, olhando para o gerente.

- Ainda vão bater estes. Uns duzentos e cinqüenta reais.